ESCOLAS CRISTÃS E SUAS OPORTUNIDADES

Gordon H. Clark



Projeto Gordon Clark

Escolas Cristãs e suas Oportunidades

Gordon H. Clark



Projeto
Gordon Clark

Traduzido do original inglês
Opportunities . . . in Christian Schools
by Gordon H. Clark

via:gordonhclark.reformed.info

Você está autorizado e incentivado a reproduzir e/ou distribuir esse material em qualquer formato, desde que informe o autor, as fontes originais e o tradutor, e que também não altere o seu conteúdo e nem o utilize para quaisquer fins comerciais.

Capa e Tradução por Igor Paz
Revisão por Mariana Ferreira



Projeto
Gordon Clark

Uma lista de algumas das oportunidades que um professor tem em uma escola cristã pode servir a dois propósitos. Em primeiro lugar, pode ajudar jovens professores ou jovens escolas a reconhecerem as suas potencialidades e a se tornarem mais eficientes mais rapidamente. Em segundo lugar, pode despertar os pais cristãos para as vantagens de uma educação cristã e, assim, estimulá-los a estabelecer novas escolas. Espero que ambos esses objetivos possam, pelo menos até certo ponto, ser realizados hoje. Os itens específicos a serem mencionados são encontrados em todos os níveis de instrução, embora ainda seja bastante natural para mim pensar nos níveis mais elevados. Os professores das séries mais baixas terão que adaptar essas sugestões para se adequarem aos seus jovens alunos.

O LUGAR DA BÍBLIA

A primeira e mais óbvia oportunidade que uma escola cristã fornece é a oportunidade de ensinar a Bíblia. De fato, os pais cristãos que ouvem falar de escolas cristãs pela primeira vez frequentemente concebem a ideia de que a única diferença é a inclusão de algumas lições da Bíblia. Embora tais pais desinformados estejam tecnicamente equivocados nessa concepção, eles estão, no entanto, corretos a princípio. A diferença entre a educação secular e a cristã é de fato a inclusão da Bíblia. O que os pais a princípio não conseguem apreciar é o fato de que a Bíblia afeta todas as matérias de estudo e não se esgota em um matéria especial chamada Bíblia. No entanto, nunca devemos deixar de insistir na matéria especial chamada Bíblia. A Bíblia, seja ou não uma revelação de Deus, foi e ainda é o livro mais influente em nossa civilização. A história inglesa e americana não pode ser entendida à parte da influência da Bíblia. A Reforma Protestante, o desejo de liberdade política e liberdade de religião, o crescimento e a formação cultural dos Estados Unidos, são todos amplamente produtos da Bíblia. De um ponto de vista puramente secular, portanto, uma pessoa educada deve conhecer esse fator mais importante em nossa civilização. E porque as escolas públicas não ensinam a Bíblia, os formados das escolas públicas não são bem educados. Há uma lacuna em seu treinamento. Eles receberam informações sobre medíocres e triviais questões, mas eles foram proibidos de aprender a força cultural mais importante do mundo de fala Inglesa.

Em contraste, uma escola cristã pode ensinar a Bíblia. Os alunos das escolas cristãs aprenderão seu conteúdo. Enquanto o produto da escola pública só conhece o Davi da história distorcida dos filmes, o produto de uma escola cristã terá um conhecimento preciso de Adão, Noé, Abraão, Elias, Isaías e, acima de tudo, Jesus Cristo.

As escolas públicas dão uma educação defeituosa conforme julgado mesmo pelos padrões seculares. Mas não estou querendo julgar a educação apenas pelos padrões seculares. A Bíblia não é apenas um fator na cultura ocidental: é uma revelação de Deus da vida e da paz. E o curso bíblico em uma escola cristã é o lugar para ensinar o plano de salvação de Deus. Adão, Abraão e Isaías esperaram ansiosamente por Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador. Ensinar como a salvação do pecado foi planejada, preparada e realizada, é a oportunidade primordial do curso bíblico em uma escola cristã.

No entanto, uma vez que os pais pensam no curso bíblico em primeiro lugar, parece que é necessário dar mais ênfase às oportunidades que uma escola cristã tem nas outras partes de seu currículo. Eu escolherei para discussão dois assuntos que ocupam uma posição proeminente na educação secular: literatura e história.

LITERATURA APRESENTADA APROPRIADAMENTE

No ensino de literatura, a escola cristã tem oportunidades não encontradas na educação secular e tem obrigações que a educação secular não pode cumprir. Essas oportunidades e obrigações estão relacionadas ao uso de material bíblico, ideias bíblicas, princípios bíblicos e filosofia bíblica no ensino de estudos linguísticos e literários. Nas séries mais baixas, onde a gramática é ou deveria ser ensinada, a Bíblia pode ser usada para material ilustrativo. Figuras de linguagem e os embelezamentos estéticos da linguagem podem ser estudados em um ambiente bíblico. Parábolas e contos, assim como grandeza épica, também são encontrados lá.

Isso não quer dizer que os alunos devam ser impedidos de ler a *Odisseia* de Homero ou as Fábulas de Esopo. A literatura não-cristã deveria ter seu lugar. Mas quero insistir para que a literatura bíblica também receba seu lugar. Não há boa razão para que seja ignorada; e em uma escola cristã há toda razão pela qual deveria ser explorada ao máximo. Deste modo, o cristianismo e a Bíblia estarão

ligados à vida diária. A Bíblia não será um livro completamente desconhecido, nem mesmo um livro usado por alguns minutos no domingo e afastado de todas as fases urgentes da vida semanal. Então, também o uso da Bíblia em primeira ou pelo menos segunda grade de leitura, seu uso em gramática, outros idiomas ou português, e seu uso em cursos de literatura servirão para impressionar as lições da classe bíblica e dar ao aluno uma compreensão permanente do conteúdo da Bíblia. É de se lamentar que os alunos se esqueçam de pelo menos três quartos do que estudam. Que pessoa com mais de quarenta anos de idade pode lembrar muito de seu curso universitário em sociologia, astronomia ou gramática alemã? Mas em uma escola cristã com a Bíblia no centro do currículo e ensinado em todas as oportunidades, o aluno irá adquirir um conhecimento do maior livro do mundo, e reterá esse conhecimento ao longo da vida e, na verdade, para sempre.

E, no entanto, o uso da Bíblia na literatura não se limita a ilustrar pontos de gramática ou mesmo a estudar *Ruth* e *Ester* como modelo de contos/histórias curtas: há um uso posterior e muito mais importante da Bíblia. Isso tem a ver com crítica literária geral. O graduado de uma escola cristã, do ensino médio ou da faculdade deve ocupar seu lugar em uma sociedade que valoriza a literatura não cristã. Ele vai, ou pelo menos ele pode ler a resenha de sábado da literatura; ele pode achar necessário, agradável ou útil ler e discutir produções atuais. Quer seja para o seu próprio prazer e cultura, ou se é mais propositadamente para a propagação dos princípios cristãos entre os seus associados no mundo, ele deveria ser abastecido na escola cristã com princípios de crítica literária. Todas as vezes somos propensos a ser enganados por propaganda não-cristã plausível. Há muito disso na literatura. *Fausto*, de Goethe é uma das maiores produções poéticas de todos os tempos e como tal tem poderosamente recomendado uma visão pagã da vida. Neste século, Andre Gide teve uma ampla influência anticristã, ganhando por ele mesmo uma posição distinta no índice Papal. Para mencionar apenas um de seus livros, Philoctete consegue fazer com que os cristãos pareçam repulsivos. Thomas Hardy também, pelo menos em seus trabalhos anteriores, torna um caso de plausível providência em favor do acaso cego. Samuel Butler nos dá um retrato agradável (vamos chamá-lo) de vício refinado. Mais recentemente, surgiram os romances que enfatizam o conflito de classes e advogam o socialismo ou o comunismo.

Isso faz parte da literatura que molda a mente moderna. Estes são os livros que os estudantes universitários e adultos instruídos leem. Com este tipo de pensamento, o trabalhador cristão deve lutar. Portanto, um cristão deve

saber analisar essas produções e mostrar onde está sua plausibilidade. Que falsas suposições são feitas e como o autor as insere sub-repticiamente no texto sem o aviso do leitor? Que frases ou parágrafos aparentemente claros escondem a ambiguidade central entre as supostas premissas do autor e a conclusão óbvia? Em suma, como pode o cristão educado expor o autor anticristão, explodir seu argumento e transformar toda a questão a favor dos princípios cristãos?

Esta é a oportunidade e, de fato, a obrigação de uma escola cristã.

HISTÓRIA ENSINADA CORRETAMENTE

Se esta discussão de literatura tem sido conduzida em nível universitário e, portanto, tem sido de menor interesse para professores de séries mais baixas, um rápido levantamento das oportunidades na história revelará um amplo material para todos os níveis de instrução cristã.

Os cursos de história em instituições seculares sofrem de três defeitos: omissões, distorções e declarações falsas. Esses defeitos, em vez de serem casuais e se anularem mutuamente, são escolhidos de modo a enfraquecer a fé dos estudantes cristãos, fortalecer a oposição e, assim, produzir uma sociedade secular.

Que há omissões, disso não tem como duvidar. Talvez a mais óbvia de todas as omissões seja a de evitar explicar o papel do catolicismo romano na história. No estado de Indiana, um conselho composto inteiramente de padres católicos romanos repassa os livros de texto usados nas escolas públicas. Pequena chance, portanto, de que as matérias de história americana vão dar a infeliz experiência de nossas relações diplomáticas com o Vaticano um século atrás. Esse episódio, tendo sido expurgado dos livros de texto, é agora esquecido, e os romanistas são capazes de fazer outra tentativa de obter reconhecimento diplomático. No campo da educação de adultos, os romanistas tentaram excluir das bibliotecas públicas o livro de Paul Blanshard, American Freedom e Catholic Power. Onde esta tentativa falhou, os bibliotecários relatam que de alguma forma ou de outra, este livro é logo perdido.

Assim como a história maligna do romanismo é omitida, também o silêncio é mantido quanto ao papel benéfico do protestantismo. Por exemplo, uma história da Inglaterra do sétimo ano é capaz de cobrir Cromwell e os

Stuarts com apenas um indício de que os problemas básicos eram religiosos. E onde a religião tem que ser mencionada, como na Reforma, os livros de texto são geralmente deficientes.

Vamos examinar esse tipo de omissão ainda mais. As escolas darão aos alunos um relato de algumas das maiores mudanças políticas ocorridas. Reis e guerras foram conteúdos padrão para livros de história. Mais recentemente, os livros didáticos incluíram algumas das condições sociais das pessoas comuns. Mas onde, em qualquer escola pública, pode-se encontrar uma história confiável da igreja?

Os educadores seculares respondem que os cursos da história não podem incluir tudo. A história é muito rica. A seleção deve ser feita.

Nisso, os educadores seculares não poderiam ter falado mais verdadeiramente. A seleção deve ser feita. Os eventos mais importantes devem ser incluídos e os menos importantes devem ser omitidos. Mas, como cristãos, perguntamos: o que é mais importante? Os reis e guerras são importantes e a história da igreja é sem importância? As pessoas decidem entre uma história importante e outra sem importância com base em suas crenças religiosas, morais e predileções filosóficas. Os educadores seculares, por serem seculares, naturalmente pensam que o Evangelho e seu curso ao longo da história não são importantes. É nesse processo de seleção que a filosofia humanista da Universidade de Columbia controla os pensamentos das crianças nas escolas públicas. Longe esteja de mim dizer que a Guerra Civil é sem importância na história americana; mas devo insistir que o crescimento das denominações, as ondas de evangelismo e o interesse em missões estrangeiras não são menos importantes que a Guerra Civil. Na verdade, eles são mais importantes e não devem, de forma alguma, ser omitidos do currículo.

É claro que nem todos os itens de importância religiosa são omitidos na educação secular. Mas quando a omissão é impossível, a distorção é um refúgio pronto. Demora mais tempo para expor distorções do que para listar omissões, mas talvez haja tempo para dois exemplos. Professor W. T. Jones em *A History of Western Philosophy*, vol. I, p. 307, col. 2, tenta explicar o sucesso do cristianismo no segundo e terceiro séculos. Se Deus teve algo a ver com isso, ele diz, é um ponto sem importância. "O ponto importante é ver que as crenças oferecidas por todas essas seitas atendiam a uma nova necessidade". Ao classificar o cristianismo com as várias outras novas religiões dessa época, o

autor se envolve em distorção. Ensinar que todas essas religiões realmente atendem a uma necessidade é também uma distorção. E até mesmo a afirmação de que o Cristianismo conheceu uma nova necessidade é a distorção. A necessidade de salvação do poder e penalidade do pecado não era é uma necessidade nova. As religiões de mistério não atenderam a essa necessidade. O cristianismo fez e ainda faz. Professor Jones continua dizendo que "o ponto importante é (...) ver como uma mudança na mente ocidental suscitou essas crenças ". Isso também é distorção, séria distorção; pois não houve mudança na mente ocidental que despertou crenças cristãs, mas, ao contrário, foram crenças cristãs e eventos históricos como a ressurreição de Cristo que produziram uma mudança na mente ocidental. Não é de admirar, portanto, que as próximas páginas do autor sejam um ataque cruel ao cristianismo.

Em questões controversas, certas diferenças de interpretação são normalmente consideradas legítimas; além desta área é distorção. Ainda mais além vem a pura falsidade. Mas é difícil consertar a linha divisória entre distorção e falsidade. Um segundo exemplo cobrirá ambos. Frederick Mayer, da Universidade de Redlands, escreve sobre a reforma protestante. Ele descreve Martinho Lutero como um supersticioso e odioso forte que desaprovava a revolta dos camponeses para obter o apoio da interesses endinheirados. O Professor Mayer diz ainda que Lutero fez do estreiteirismo e da auto-justiça seu ideal. De João Calvino, ele diz que "Ele foi responsável pela queima de Serveto, uma das mentes mais iluminadas de sua época". Agora, talvez esteja dentro dos limites justificáveis. Diferença de interpretação para considerar Serveto uma das mentes mais iluminadas de sua idade. Tal encômio provavelmente significa apenas que o autor concorda com Serveto. Mas esses historiadores que repetem a história de que Calvino mandou queimar Serveto até a morte ignoram indiferentemente as evidências. A história que Calvino queimou Serveto circulou durante a vida de Calvino; e com respeito a isto Calvino escreveu o seguinte em uma *Resposta aos relatórios difamadores de um caluniador sem destino*. Calvino diz: "Por qual ato particular você me acusa de crueldade, estou ansioso para saber. Eu mesmo não conheço esse ato, a menos que seja com referência à morte de seu grande mestre, Serveto. Mas eu mesmo sinceramente supliquei que ele não fosse morto, seus próprios juízes são testemunhas, muitos dos quais naquela época eram seus favoráveis e defensores leais. "

Mas os historiadores seculares provavelmente continuarão a ignorar a declaração de Calvino até o fim dos tempos. E crianças em idade escolar e

estudantes universitários terão suas mentes distorcidas pelas omissões, distorções e as falsidades da educação secular.

Estes defeitos da educação humanista mostram, em contraste, as oportunidades de escolas cristãs. Em tais escolas, o catolicismo romano não pode silenciar o ensino evangélico, nem a propaganda secular fica incontestada. Em vez de serem atrofiados e deformados, os alunos podem receber as informações mais completas e importantes. Em vez de ser enganado pelas falácias plausíveis de literatura ateísta, eles podem aprender os princípios básicos da cosmovisão cristã. E tão preparados eles serão capazes, como agora não são, de enfrentar a incredulidade moderna em conflitos mortais.

Gordon H. Clark (1902-1985), brilhante filósofo e teólogo calvinista. Dirigiu o Departamento de Filosofia da Butler University por 28 anos. Profundo conhecedor de filosofia antiga e contemporânea, defendeu a revelação proposicional contra o empirismo e o racionalismo.

/ProjetoGordonClark

ProjetoGordonClark



PROJETO
GORDON CLARK